

# O discurso científico: questões de leitura e escrita – uma conversa com a Profa. Dra. Verli Petri

Heitor Pereira de Lima\*

As questões de leitura e escrita pensadas a partir do discurso científico, nesta entrevista, serão discutidas tendo a Análise de Discurso (AD), fundada por Michel Pêcheux, na França, e desdobrada por Eni Orlandi e tantos analistas de discurso, no Brasil, como terreno de sustentação. Tal orientação faz-se necessária porque, se tomássemos, por exemplo, a leitura e a escrita pelo viés da Enunciação, certamente, outros efeitos de sentido seriam mobilizados.

Na obra *Análise de Discurso: princípios e procedimentos* ([1999] 2005), Orlandi pontuou que “A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso” (ORLANDI, [1999] 2005, p. 15). Nesse sentido, concebemos a leitura e, na mesma medida, a escrita enquanto práticas discursivas abertas ao equívoco, que funciona como lugar preeminente. Nessa mesma obra, a autora complementou que “a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia *de curso, de percurso, de correr por, de movimento*”. (ORLANDI, [1999] 2005, p. 15, grifos nossos). Ao passo que nossos grifos referem-se à teoria que anunciamos, também apresenta nossa entrevistada, que, assim como a Análise de Discurso, está em constante movimento.

---

<sup>1</sup> Doutorando e Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Letras, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas). Bolsista CAPES. Integrante do Grupo de Estudos Palavra, Língua, Discurso (PALLIND), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). ORCID: 0000-0002-3247-4847.

A Professora Doutora Verli Fátima Petri da Silveira faz jus à teoria à qual se filia no sentido de que sua atuação facilmente seria representada pelo curso de um rio... com águas ora vorazes, ora tranquilas, mas jamais estanques. Assim é essa analista de discurso que tanto nos inspira e, assim como a própria AD, nos afeta (LEANDRO-FERREIRA, 2019, p. 42).

Inicialmente, pensamos em apresentar nossa convidada a partir das informações presentes em seu currículo, disponibilizado na Plataforma *Lattes*. No entanto, resolvemos não fazê-lo por entendermos que o *link*<sup>2</sup> de acesso ao currículo da pesquisadora funcionaria melhor; seguimos pensando em apresentá-la por meio de sua produção e atuação, tomando como referência a data em que esta entrevista aconteceu, ano de 2020. Contudo, desse período até o presente momento, a professora, assim como um rio, não parou, ela segue seu fluxo de trabalho e/com resistência. Isso significa, portanto, que muito já foi produzido por Verli Petri e alunos/colegas, orientados e animados por ela.

Assim, resolvemos apresentá-la dando destaque a dois de seus trabalhos atuais. O primeiro trata-se da obra *Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia* (2021), publicado pela Pontes Editores, organizado por Verli Petri e demais pesquisadores que foram seus orientandos de doutorado no Programa de Pós-graduação em Letras, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM); já o segundo refere-se ao projeto<sup>3</sup> interinstitucional, do qual a Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC Minas) participa por meio de um aluno da Pós-graduação, *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus*,<sup>4</sup> que publicou algumas dezenas de verbetes sobre a pandemia do

---

2 Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/4907455690392249>. Acesso em: 02 fev. 2022.

3 Esse projeto é desenvolvido pelo Grupo de Estudos Palavra, Língua e Discurso (PALLIND), da UFSM, que conta com a coordenação geral de Verli Petri.

4 Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus/>. Acesso em: 1º fev. 2022.

novo coronavírus.<sup>5</sup> Recentemente, o *Vocabulário da pandemia do novo coronavírus* (2023) foi lançado, em formato de *e-book*,<sup>6</sup> no site da Pedro & João Editores, e em formato impresso, na 50ª Feira do Livro de Santa Maria/RS.

A entrevista, intitulada *O discurso científico: questões de leitura e escrita – uma conversa com a Profa. Dra. Verli Petri*, aconteceu no dia 23 de outubro de 2020, transmitida abertamente pela página do Facebook do Programa de Pós-graduação em Letras da PUC Minas. Posteriormente, a entrevista foi transcrita na modalidade padrão, corrigida conforme a norma culta da língua portuguesa, sendo eliminadas expressões fáticas, interrupções, meias palavras, hesitações, gaguejos ou vícios de linguagem.

## Entrevista

**Heitor Pereira de Lima:** Nosso encontro será dividido em duas partes, num primeiro momento, eu trarei algumas questões para a Professora Verli responder. E, num segundo momento, nós iremos selecionar algumas questões feitas no *chat*, para que a professora também reflita sobre o que os participantes perguntarão. Então, desde já, sintam-se convidados e convidadas para apresentar as suas questões, tragam suas dúvidas. Aproveito também para pedir que vocês digam de onde vocês falam, de qual instituição. É um prazer imenso poder realizar este encontro esta noite.

Em especial, gostaria de agradecer à Professora Verli Fátima

---

5 No início do ano de 2022, por meio desse projeto, o Grupo de Estudos PALLIND foi contemplado com recursos do Edital Universal do CNPq.

6 Disponível em: <https://pedrojoaoeditores.com.br/produto/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus/>. Acesso em: 05 maio 2023.

Petri da Silveira, que, desde o primeiro momento, aceitou este convite, tão generosa. Professora Verli, muito obrigado pela sua atenção, pela sua disponibilidade.

A Professora Verli tem um vasto currículo, e aqui eu farei uma rápida menção. Ela possui Graduação em Letras Português/Francês e respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Santa Maria, instituição também na qual ela cursou o Mestrado. Ela tem Doutorado em Letras, pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e Pós-Doutorado pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Atualmente, é professora associada<sup>7</sup> da Universidade Federal de Santa Maria, tem experiência na área de Letras com ênfase em teorias do texto e do discurso, atuando principalmente nos seguintes temas: Análise de Discurso; Ensino de língua estrangeira; Língua Portuguesa; Língua de Fronteira; Discurso literário; Constituição do sujeito; Narratividades urbanas; Instrumentos linguísticos; História das palavras; e História das Ideias Linguísticas. Ela também é bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Professora Verli, mais uma vez, muitíssimo obrigado pela sua participação. Minha primeira pergunta é a seguinte: há uma ilusão (necessária) de que o discurso científico deve evidenciar o tom da originalidade, algo de natureza primária, inicial. Nesse sentido, produzir artigos, dissertações e teses, por exemplo, implica na busca incessante, por parte do pesquisador, de ser inaugural ao problematizar um objeto por meio de uma metodologia determinada. Que observações a senhora faria sobre essa questão?

**Verli Petri:** Bom, eu vou começar, fora da nossa área, para pensar numa ideia do que é fazer ciência, em geral, num paradigma,

---

<sup>7</sup> É professora titular da Universidade Federal de Santa Maria, desde 08 de março de 2023.

muito geral, dizendo que as grandes descobertas e as grandes inovações não acontecem a partir de um propósito de descoberta, ou de inovação, pelo menos não na maioria dos casos. Elas são resultado de muito trabalho daqueles pesquisadores e de tantos outros que vieram antes. Então, se, nas outras áreas, que é possível identificar a produção de uma vacina, de um medicamento, de uma grande descoberta genética, já é difícil de se produzir essa originalidade, imagina no trabalho intelectual das ciências humanas e sociais? No nosso trabalho, há uma dificuldade muito grande de se produzir avanços e grandes descobertas visíveis através de produtos. No sentido de que nós nos ocupamos das pequenas coisas. Nós nos demoramos nelas, e essa repercussão que se espera de um trabalho com originalidade, de um trabalho único ou que fez grandes descobertas, é também uma ilusão. Da minha perspectiva, a gente precisa pensar na provisoriabilidade da produção do conhecimento, todo conhecimento que se produz é provisório, pode-se pensar imediatamente que ele é uma grande descoberta, em algum campo, em algum lugar do mundo, e depois disso pode ser desmistificado e questionado pelos pares. Então, é sempre uma questão muito complexa pensar em originalidade. Trazendo agora para o nosso campo, eu penso que isso deve sair do nosso foco. A gente não tem que ter o foco de produzir um trabalho com originalidade. Nós temos que produzir o melhor trabalho que nós somos capazes de produzir. Eu costumo dizer que, numa dissertação de mestrado, a expectativa que a gente tem, em geral, na área de Humanas, de Letras, é que, uma dissertação de mestrado se apresente efetivamente como uma primeira experiência de pesquisa. E, portanto, uma experiência de complexificação da leitura e da escrita. Nós trabalhamos muito com as pesquisas bibliográficas e — mesmo com as pesquisas

de campo —, nós dependemos de muita leitura e de muita escrita e reescrita. A partir dos nossos trabalhos de mestrado, eu imagino que nós estamos preparados, então, para uma produção mais responsável em termos de acrescentar algo de novo para a questão teórica ou para a questão metodológica da área na qual nos inscrevemos. Então, estão nas mãos dos doutorandos, no meu entender, as pesquisas e as inovações. Se a gente for pensar em outros países, são eles os pesquisadores em que mais se investe recurso, porque, se vocês forem pensar num professor universitário, ele faz pesquisa, orienta, participa de reuniões, é chefe de departamento, ele prepara aulas, ele ministra aulas [...] e um doutorando, principalmente um doutorando bolsista, se ele tiver condições de pesquisa, ele vai ser um pesquisador por excelência. É a vida e o trabalho dele fazer pesquisa. Então, no meu entender, os pequenos avanços que a gente produz teórico/metodologicamente, especialmente numa tese de doutorado, eles serão vistos pelos pares, pela banca, pelo orientador. No meu entender, é no olhar do outro que essa inovação acontece. É o olhar do outro que vai determinar efetivamente a questão da inovação. Agora, Análise de Discurso, e já finalizando o que eu quero dizer sobre essa questão, para a Análise de Discurso, um ponto crucial é a luz que o pesquisador joga sobre o objeto. Os modos como ele trabalha com a teoria e as questões metodológicas que ele propõe que vão dar esse caráter do novo. Não falo em originalidade, a gente não acredita muito nisso. Essa palavra incomoda. Mas eu acho que há uma palavra que está muito em moda agora que é a palavra inovação. Ela me dá um certo conforto no sentido de que as pequenas coisas que descobrimos podem representar o novo e a partir dele outras questões irem se produzindo e assim sucessivamente. Acho que é um pouco isso o que eu tinha para dizer sobre essa primeira questão.

**Heitor Pereira de Lima:** Minha segunda questão é a seguinte: diversos manuais orientam a produção da escrita acadêmico-científica concebida, exclusivamente, pelo viés da norma/forma, e aí a gente pode, por exemplo, trazer, de certo modo, citações que são rigorosamente quantificadas, a necessidade de gentileza com o leitor, atenção às regras ortográficas, etc.; essas e outras condições são percebidas como suficientes para nortear a produção desses textos. O que o autor — o sujeito escrevente — precisa levar em consideração para não cair, apenas, na perspectiva descritiva e perder de vista a perspectiva discursiva do fazer científico?

**Verli Petri:** No meu entender, a gente precisa incentivar quem está escrevendo dissertação e tese a ler outras dissertações e teses. Tanto para ver o estado da arte — quer dizer: “o que tem sido feito na minha área, com o tema que estou trabalhando, nas descrições teóricas que eu faço?” Mas também, estrategicamente, ver como é que as outras pessoas escrevem. Como é que os outros autores escrevem? Como eles estruturam os seus trabalhos científicos? Quer dizer, tendo uma estrutura para eu olhar, não que eu vá fazer como ele fez, mas certamente vai me dar inspiração, para pensar em como eu posso organizar o meu trabalho. Então, é um pouco isso, Heitor. É a gente se voltar para o trabalho dos colegas. Para mim, uma dissertação e uma tese têm que ter, nas suas referências bibliográficas, outras dissertações e outras teses. Independentemente se elas virarem livro ou não. A segunda questão, que o Heitor me coloca, eu começaria dizendo assim: nenhum manual de escrita científica nos satisfaz. Mas todos eles têm pontos em comum, que tecem um certo fio do discurso, que vai nos dizer: “isso faz parte do discurso

acadêmico científico e isso talvez não faça parte desse discurso”. Então, embora eu seja uma discursivista, a minha perspectiva é sempre de que: a escrita acadêmica/científica é a produção de uma textualidade. E como tal, ela tem que manter a unidade sonhada, desejada pelo autor, mas principalmente esperada pelo leitor. Então as relações, para mim, entre leitura e escrita, pressupõem uma noção, que Pêcheux trabalhou rapidamente, mas que Eni Orlandi desenvolveu um pouco mais, que é a noção de antecipação. A antecipação não garante o nosso sucesso. Porque essas garantias não existem, quando existem relações entre autoria e leitura, mas elas podem servir de parâmetro para nós quando vamos produzir nossos textos. Então é preciso pensar: de que lugar eu falo? Quem sou eu para que eu possa falar assim? Para quem eu estou falando quando eu produzo esse texto? Quem é o meu leitor? Eu estou escrevendo para o meu orientador? Eu estou escrevendo para os meus pares? Eu estou escrevendo para uma banca imaginária? Eu estou escrevendo para uma banca real? Essas questões me dão uma antecipação das possibilidades de leitura que o meu trabalho vai ter. Então, essa questão que se coloca de pensar como é que esse texto se estrutura, para que ele não seja meramente uma estrutura descritiva, passa por essa relação entre autoria e leitura. Para nos dar um certo parâmetro do que a gente está fazendo. E, na nossa área, a gente trabalha muito com o efeito-autor e efeito-leitor. Aquele trabalho que a gente recebe do aluno, acontece — isso acontece na Pós-graduação, também... que a gente lê o trabalho e pensa: tá, li 10 páginas, mas o que ele quer dizer mesmo com isso aqui? Aí chamamos o aluno para conversar, e o aluno diz: “Professora, eu vou te explicar: quando eu disse isso, eu queria dizer isso; e, quando disse aquilo, queria dizer aquilo outro”. O

que falhou aí? No meu entender, falhou a estratégia da antecipação. Quer dizer: eu pensei ter dito tudo isso no meu texto. “Como você, professora, não leu isso que eu pensei ter dito?” Respondo eu: “é porque você não conseguiu transpor isso para a sua escrita”. E muitos alunos dizem isso: “estava tudo certinho na minha cabeça”, e quando a professora foi ler, ela não entendeu. Quer dizer: não é que ela não entendeu; é que, de alguma forma, isso não estava posto lá, e a gente tem essa ilusão de que está. Por outro lado, saindo da questão discursiva, não saindo, mas focando mais numa questão linguística, a qualidade do texto conta muito. Os aspectos de respeito pelo leitor, o capricho com a formatação, a ortografia, a correção dos erros de digitação, espaçamento. Quer dizer, você não precisa estar medindo a folha, aqui tem dois e meio, aqui tem três. Esteticamente, a tua página está bem distribuída. E que o teu leitor vai sentir conforto na leitura. Então, para mim, são questões que perpassam o trabalho. Uma coisa que é forte no meu entender é que a gente tem essa relação com o outro: eu preciso de alguém que leia o meu texto. Pode ser um colega: “eu leio o teu texto e você lê o meu”. Mas não é aquele colega que lê o texto e acha tudo lindo. Tem que ser aquele colega que tenha coragem de marcar o teu texto e dizer: “mas esse parágrafo está solto aqui; e o que você queria dizer com essa expressão?; isso foi a Orlandi quem disse? Então, por que não está entre aspas?” É esse o colega que lê e está estudando junto com você. Não tem um grande saber, não é uma *expertise*. Mas ele tem essa leitura e pode te ajudar. Então essas trocas, no meu entender, elas funcionam mais e saem desse caráter descritivo, já vão para um caráter interpretativo do trabalho. Acho que tem algumas coisas que a gente tem que pensar do discurso científico, como, por

exemplo, a ideia de que o autor não deve usar a primeira pessoa, que ele deve ficar no impessoal, ou que ele deve usar a primeira pessoa do plural. Acho que depende muito da ocasião. Qual é a Pós-graduação? Qual é o Programa? Quem é a pretensa banca? O que se aceita, o que não se aceita? Quando a gente entra num lugar institucional, a gente aceita as regras da instituição. Então, a gente acaba sempre se posicionando a partir do que o orientador exige e do que o Programa exige. Mas queria salientar para vocês que as escolhas, a presença da subjetividade, ela não se marca apenas no “eu” ou na desinência verbal. O que vai marcar e determinar o teu trabalho, e aí talvez esteja a “originalidade” tão sonhada, são as escolhas do autor. Vou dar um exemplo da Freda, que a gente estava falando antes, da Professora Freda Indursky com quem eu fiz tese de doutorado (PETRI, 2004) e quem eu leio muito. A Freda diz: “é a posição do sujeito mediante uma temática ou um discurso, que vai determinar a escolha das palavras e como elas significam”. É um texto muito conhecido dela, que é excelentíssimo, lá ela vai mostrar as diferenças entre “invasão” e “ocupação”. (INDURSKY, 2013). Então, se eu digo invasão de terras, eu estou criminalizando esse espaço, dizendo que a terra é uma propriedade e que ninguém deve invadir. Se eu usar ocupação, estou dizendo que é um lugar desocupado e, portanto, alguém ousou ocupar esse lugar, e aí não tem crime. Então, o que você tem aí? Teoricamente elas funcionam quase como sinônimos, mas no funcionamento discursivo elas não o são. Quando eu escolho uma dessas palavras, eu já estou tomando uma posição. E essa posição não é sempre consciente. Por exemplo, eu, quando uso ocupação ou invasão, já uso com consciência. Por que eu li esse texto e porque penso sobre isso, mas tem outras palavras que a gente usa e que demarcam nosso

lugar e que a gente não tem consciência delas. Então, não é só no “eu” que está a subjetividade, mas é nas escolhas. Então, outro cuidado que eu penso, para leitura e para escrita científica, sempre é com os sinônimos, eles não são perfeitos, e nós temos que ter muito cuidado na escolha dos sinônimos. Às vezes, a gente mesmo olha para o trabalho e pensa assim: “estou tão repetitiva, eu falo discurso, análise do discurso, discursividade, materialidade discursiva, eu tinha que substituir isso”. E se vai tentar substituir... dá uma porcaria! Porque tem coisas que não dá para substituir dentro do trabalho científico. E que mesmo que seja repetitivo, às vezes, ele tem um funcionamento, digamos assim, estilístico. Que você mantém sempre repetida aquela ideia que você quer fixar. Então é um cuidado. Claro que repetir 300 vezes os conectivos é muito ruim. Então vamos cuidar nas coisas que são passíveis de substituição, como conectivos. E, lendo os textos dos outros, a gente se dá muito conta disso. “Esse texto não anda, eu leio, leio, mas todos os parágrafos começam com ‘assim’”. Então, você começa a ver que aquele texto está virando uma tautologia, repete muito e às vezes nem é... Às vezes é só o efeito da repetição num conectivo. Então acho que tem dicas que eu estou dando, eu acabo trabalhando sempre junto com essas questões entre o discursivo e o linguístico, porque eles estão se margeando, eles têm uma borda muito sutil. Porque o que põe em relação tão forte o linguístico e o discursivo, no meu entender, é produção de sentidos. Não acontece sem um e sem outro, a produção de sentidos. E a gente está pensando nisso. A gente está pensando que o nosso trabalho científico controla os sentidos. Não controla. Mas a gente deseja controlar o máximo possível. É para isso que a gente trabalha. Para finalizar essa reflexão, eu gostaria de dizer que acho importante

respeitar as normas, normas gramaticais, um texto bem estruturado, ele faz diferença, e é preciso respeitar também as normas da academia, no sentido do que é uma tese? O que é uma dissertação? O que é um artigo científico? Porque, às vezes, as pessoas são jovens, pouco experientes em leitura e escrita e querem promover deslocamentos, nessa questão estrutural. Revolucionar, demonstrar sua revolta com o sistema, etc. e tal. Ao propor um projeto, já faz alguma coisa que não é um projeto. Ele não entra no Programa. Porque a expectativa do leitor é que ele seja capaz de escrever um projeto, um (ante)projeto. A expectativa de um Programa é que todos os alunos que lá entrem sejam capazes de produzir o texto. Então, para mim, a luta para mudar alguma coisa, principalmente, nós, que somos do discurso, é lutar de dentro do sistema e não ser jogados para fora, por não aceitar as normas, por não fazer os trabalhos dentro das normas e não poder mais lutar. Então, para poder questionar os periódicos, para poder questionar a concessão ou não de bolsas, eu preciso estar dentro desse sistema, senão eu não tenho como questionar. Se eu tiver do lado de fora, eu não tenho como lutar para que isso mude. Então, para mim, estar dentro das normas é importante no sentido de se manter ativo com o instrumento que é o meu trabalho de pesquisa para lutar pelas mudanças que eu acredito.

**Heitor Pereira de Lima:** Professora Verli, então, dando sequência às nossas perguntas, às nossas questões, eu gostaria de perguntar o seguinte: como estudiosa e orientadora da escrita produzida na e pela universidade, quais desafios são enfrentados pelos alunos das Ciências Humanas, e aí a gente pode pensar os graduandos, mestrandos e doutorandos na produção da escrita acadêmico-científica?

**Verli Petri:** Quando eu li essa pergunta, eu pensei no nome daquele grupo que tem no Facebook: “Ajudar o povo de humanas a fazer miçanga”. Por quê? Porque realmente a gente se ocupa de ninharias. As miçangas são uma boa metáfora. É isso mesmo, a gente se ocupa de pequenas coisas, e quanto menores forem as coisas que a gente consegue se ocupar, no meu entender, mais profundidade a gente consegue dar para uma análise, para um trabalho de pesquisa. Então, acho que perpassa aqui a questão do nosso *status* dentro da Universidade, questionado desde que eu me entendo por gente e muito antes disso, mas, especialmente agora, quando parece que as Humanas perderam um lugar nesse mundo da pesquisa. Então, é muito difícil para gente manter a questão das pesquisas sendo afetadas pelos cortes de recursos. Eu acho que a gente já ganhava uma (migalhinha), e agora a gente ganha menos ainda. Recentemente, com a entrada de critérios tecnológicos nos editais, por exemplo, de PIBIC, CNPq, nós temos que comprovar que estamos fazendo inovação e que, de alguma forma, nós tocamos as áreas prioritárias. Que as áreas prioritárias não nos dizem respeito, porque se esquecem de que, sem a linguagem, não haveria nenhuma outra área prioritária. Sem leitura e interpretação de texto, não haveria nenhum outro trabalho científico produzido, publicado, lido, etc. e tal. Então, o nosso lugar de área prioritária está sendo apagado. Isso é uma dificuldade muito grande que eu vejo e que não diz respeito somente aos estudantes dessa área. Diz respeito também e, principalmente, a toda área, em que pesquisadores que vão perder suas bolsas de pesquisador do CNPq por falta de recursos, que vão ter cada vez menos voz. Então nós estamos vivendo um momento bem, bem difícil. Ditas essas questões mais gerais da área de Humanas, eu passo então a pensar um

pouco mais sobre esse nosso lugar. Um lugar do intelectual é um lugar de muita introspecção. Então, o aluno de Ciências Humanas, ele passa muitas horas no seu gabinete, no escritório, na biblioteca, num laboratório da Universidade, lendo, fazendo resenha, pesquisando outros textos, estabelecendo relações; e esse trabalho parece que é apagado, silenciado, enfim, também sendo atropelado pelas questões desse mundo de informação muito mais que produção do conhecimento. Então, nós somos atropelados por tanta informação e temos até dificuldade de concentração para trabalhar com alguma coisa que nos exija mais parar, ficar em silêncio, lendo muito e produzindo conhecimento sério, efetivamente. A primeira coisa que eu sempre procuro ocupar é um lugar de humildade em relação à quantidade de conhecimento que nós temos disponível e que a gente precisa conhecer uma boa parte dela para propor algo de novo. A segunda questão que eu gosto de colocar — e trabalho com os meus alunos — é que a gente pare, logo no início das disciplinas, do curso, da escrita de uma dissertação, de uma tese, para pensar, afinal de contas: o que é produção do conhecimento? Quem veio antes? O que ele pode trazer de contribuição? Será que eu tenho que estudar somente aqueles autores da minha área específica, eu tenho que ler só Pêcheux? Quando Pêcheux dedica capítulos inteiros dos seus livros a Saussure, discutindo conceitos saussurianos, o que ele nos ensina?. Quer dizer, que lugar é esse que grandes teóricos vão ensinar para a gente, um lugar de referência, de ler esses autores que vieram antes. Acho que nós temos que lutar também para sermos respeitados na comunidade científica, porque, muitas vezes, dizem que o que a gente faz não é ciência. E uma coisa que vejo, já sofri alguns problemas com isso, já participei de bancas com problemas com isso, que é

o problema do plágio. Então, acho que é uma responsabilidade nossa muito grande de produzir textos que não tragam esse tipo de ocorrência: que é o plágio ou o próprio autoplágio. A gente tem que trabalhar para que os nossos textos estejam num lugar seguro para que a gente possa ter orgulho daquilo que a gente produziu, sabendo que fizemos o nosso melhor, como eu digo. Outro trabalho, que é um desafio para o pessoal de Humanas, no meu entender, além das leituras, são as inúmeras reescrituras do texto. Os capítulos vão para o orientador, voltam, e a gente reescreve, corta, volta, aumenta, diminui, coloca coisas fora. Dói, a gente gostava daquele pedaço, mas o orientador disse: “É, está bom, mas ele não cabe na tese — a tese é sobre isso e não sobre aquilo. Então, você leu bem Lacan, mas não vai ter um capítulo sobre Lacan na sua tese”. Você precisa dispensar aquilo que você leu e escreveu sobre, pois esse trabalho foi para saber muito mais do que para colocar na tese. Então, é um trabalho muito, muito, muito moroso, muito demorado. Eu já observei, na minha experiência de tantas teses e dissertações orientadas, que aqueles capítulos que foram mais vezes reescritos são os melhores capítulos. Todos os membros da banca elogiam aqueles capítulos que foram mais vezes reescritos. Por quê? Porque a gente vai melhorando o próprio trabalho de escrita. Então, não tenham preguiça de escrever e reescrever seus textos, sempre buscando que eles cheguem mais perto daquilo que você gostaria de escrever de fato. Aí, entra mais uma vez a necessidade de um leitor para o nosso texto e talvez da figura do revisor. Comentei com o Heitor, outro dia, o meu encantamento com os números dos *Cadernos da PUC Minas*, sobre revisão. Porque muita gente faz revisão, mas quem é que vai parar para pesquisar sobre revisão? Escrever sobre revisão? Produzir números inteiros de

um periódico sobre questões de revisão, está um primor — vocês estão de parabéns! Então, para quem está formando revisores como nós, isso é superimportante. Mas é importante também para aquele sujeito que está fazendo mestrado e doutorado entender que um revisor tem papel fundamental também dentro da qualidade do trabalho. Então, para mim, um revisor qualifica muito o trabalho. E, por último, acho que uma coisa que a gente não pode perder de vista é que nós estamos o tempo todo em exposição pública, nós trabalhamos com linguagem. É como se nós tivéssemos uma gramática na ponta da língua, um dicionário na cachola e que a gente soubesse tudo sobre os temas que a gente trabalha. Então, a nossa exposição pública é muito grande. Acho que é mais um desafio desse sujeito que está fazendo dissertação e tese que é, “afinal de contas, sobre o que é mesmo sua tese? Afinal de contas, o que é mesmo uma dissertação? Você não para de estudar nunca? Você já tem tantos anos, quando é que você vai trabalhar, afinal de contas, só passa estudando”. Então acho que as Ciências Humanas têm um pouco disso. Se a pessoa faz em outra área já é doutor, doutorado, mas em nosso caso parece que ficamos sempre estudando, e isso não é tão valorizado pela sociedade. Então os desafios são inúmeros, e a gente, aos poucos, vai... eu fiz a escolha de alguns, para comentar com vocês, aos poucos, a gente vai vencendo juntos.

**Heitor Pereira de Lima:** Professora Verli, a próxima questão é, a meu ver, muito polêmica, e eu acho importante a gente discutir a respeito, é sobre a referência ao discurso do outro. Na escrita de pesquisa, essa é uma arena polêmica pela qual duas perspectivas podem ser evidenciadas: a primeira é a citação pela citação, ou seja, a exclusividade do caráter descritivo; discussão que nós

fazíamos há pouco, e a segunda, o funcionamento da citação do ponto de vista da Análise do Discurso. Quais reflexões a senhora faz sobre essa questão?

**Verli Petri:** Olha, é uma questão polêmica e que eu vejo assim como bem diferenciada entre nós. A primeira coisa que eu colocaria é que eu já revisei trabalhos, acompanhei também a elaboração de trabalhos em outras áreas. Eu tenho uma filha que fez mestrado em Veterinária, agora faz doutorado em Ciências Biomédicas, acompanho o trabalho dela. E é muito interessante observar como essa citação direta para eles funciona. É como se tivesse quase integrada ao texto e não fazem nenhuma introdução e não fazem nenhuma consideração *a posteriori* e aquilo fica bom para eles. Enquanto eu questionava, ela me explicava: “não, na nossa área é assim, mãe, quer ver? Eu vou te mostrar”, e vinha com os textos, eu ficava assim: “ah, é assim mesmo, funciona!” Para eles, está funcionando. Então, acho que é um desafio para um revisor, por exemplo, revisar uma dissertação de Letras e revisar uma de Engenharia, ou de Veterinária, ou de um outro lugar e ter que ver essas nuances, em vários aspectos e um deles na citação. Agora, na nossa área, para mim, a citação, ela compõe, ela mostra algo que já está acontecendo, que é a paráfrase. Nós estamos lendo outros autores e muitas vezes parafraseando. Acreditando que os enunciados fazem sentidos, porque eles já estão fazendo parte de uma memória discursiva, que nós, de alguma forma, conhecemos, e quando vem a citação funcionando dentro do texto, ou seja, as palavras do outro autor funcionando dentro do texto, no meu entender, ela ganha um funcionamento diferenciado. Ela tem um motivo para estar lá. Então, essa citação precisa de uma introdução da minha parte.

Eu sou autora, eu tenho que demonstrar para o meu leitor por que vou trazer as palavras do outro, que funcionamento essas palavras dos outros têm no meu texto. Quando termina a citação, ela pode ser curta, ela pode ser uma frase, pode ser em bloco, mais de três linhas. Eu preciso também tecer algum comentário sobre ela, no meu entender, é muito falho um trabalho que traga a citação só como algo que reafirma aquilo que estou querendo dizer, porque a citação tem um funcionamento específico, ela não pode estar ali de qualquer modo. O que eu tenho observado e tenho notado, não me deixam mentir — é para que eles compreendam que não importa que Eni Orlandi disse alguma coisa que encaixa direitinho com aquilo que disse Pêcheux, eu não posso pôr uma citação do Pêcheux e trazer a professora Eni Orlandi para comentar o que disse Pêcheux no meu trabalho. Sou eu quem tem que dizer a que se deve aquela citação de Pêcheux no meu trabalho. E depois, num outro momento, no parágrafo seguinte, eu posso fazer comparecer Eni Orlandi e mostrar o deslocamento que ela promove sobre o Pêcheux e o deslocamento que eu quero promover, mesmo que seja mínimo, sobre o que os dois disseram. Ou é um deslocamento, ou é um aproveitamento, ou é a minha concordância, mas não fica ali para enfeite. “Eu gostei dessa citação, mas não sei onde vou colocá-la”, então ela não vai, gente. Eu gostei, achei bonita e não sei comentá-la, ela não vai. Nem mesmo numa epígrafe eu colocaria algo que eu não sei comentar. Às vezes, a gente usa a epígrafe e comenta dentro do texto, às vezes a gente só lança a epígrafe e deixa que ela fique como uma carta na manga. Porque, se a banca perguntar: “mas que interessante essa epígrafe e o que você pensa sobre isso?”, você tem que estar preparada. Então, acho que a gente só vai usar a palavra do outro quando ela tiver um funcionamento

garantido no nosso texto. Se não, ela produz o efeito antagônico, contrário, terrível, ela destrói aquilo que eu vinha fazendo: “Ih, a Verli não tem mais nada para dizer, agora ela largou Pêcheux, largou Orlandi (de atrás), ela não tem mais nada para dizer”. Porque, assim, gente: se eu quero ler o Pêcheux, eu não vou ler no trabalho de fulano, de beltrano — eu vou ler no próprio Pêcheux. Então, se eu estou lendo o teu trabalho, eu quero ver o que é que esse autor é capaz de fazer com aquilo que Pêcheux pensou nos anos 1980 — isso me interessa, me interessa muito. Porque ele está promovendo alguma coisa de novo de uma leitura outra para esse trabalho. Então, pensar um pouco nisso: que a citação tem que ter um funcionamento. A gente poderia falar em termos de polifonia, nosso texto habitado por tantas vozes. Mas há uma organização para essas vozes. Essas vozes não entram de qualquer maneira. Elas têm que ter um funcionamento. A gente traz o outro para quê? Para nos apoiar, para autorizar o nosso trabalho, para referir, para referendar aquilo que estou dizendo. Então, não tem como a gente desrespeitar esse autor, trazer de qualquer jeito para dentro do nosso texto, quer dizer, ele não pode vir de qualquer jeito. O dizer do outro precisa me colocar numa posição melhor do que aquela que eu já estava. Eu estou discutindo um tema que me é rico, que me é caro, e o outro vem com as suas palavras e me dá mais um degrau para chegar onde eu estou (galgando) para chegar. Então, acho que é um pouco isso. A importância é indiscutível da citação dentro dos trabalhos de dissertação e de tese: indiscutíveis! Aí, a gente vê a maioria dos autores consagrados no mundo dos estudos da linguagem trazendo sempre invariavelmente as referências e tudo o que foi lido, e trabalhado para fazer funcionar. Acho que é isso, Heitor.

**Heitor Pereira de Lima:** Muito obrigado, Professora. “O dizer do outro precisa me colocar num lugar melhor do que eu estava”. Perfeito! Muito bacana! Professora, então, para finalizar essa primeira parte, a última questão que eu apresento para a senhora é a seguinte: Análise do Discurso de linha francesa, que tem Michel Pêcheux como o grande iniciador, é tomada por vários pesquisadores, que encontram, nesse campo de produção de conhecimento, respaldo para suas pesquisas. Gostaria que a senhora comentasse o que singulariza o discurso científico que se filia à teoria pecheuxtiana?

**Verli Petri:** Eu vou falar basicamente, começando por quem foi Pêcheux. Nós estamos tratando de um filósofo, um grande estudioso da linguagem, mas um filósofo de formação, que foi um autodidata nos estudos da linguagem e, para chegar a cunhar uma teoria, para pensar o que ele pensou, ele perpassou muito por reflexões sobre o que é fazer ciência. São textos menos conhecidos na Análise de Discurso e mais conhecidos na Filosofia: são textos que discutem o que é fazer ciência? O que é e como funcionam as questões de epistemologia para esse fazer científico de uma perspectiva discursiva. Então, me parece que a questão que se coloca está lá nos primeiros pensamentos de Pêcheux, quando ele questiona, por exemplo, essa pretensa objetividade da ciência. Para Pêcheux, a produção científica, a prática científica é produzida por sujeitos, porque a prática científica é um discurso, e os discursos são produzidos por sujeitos. Sujeitos que não são a origem do seu dizer, que não controlam o sentido sobre aquilo que dizem, mas que, por outro lado, têm a ilusão de pensar que são a origem e de que são os controladores do seu dizer. Essa ilusão que funciona

para que eu esteja aqui hoje falando para vocês. Não é verdade que eu sou o melhor nome que poderia falar sobre discurso científico e acadêmico com vocês. Mas eu penso: “hoje eu sou o melhor nome, eu sou a convidada e eu vou falar desse lugar, eu me aproprio desse lugar, vivo essa ilusão e vivo mais, vivo a ilusão de que vocês estão entendendo exatamente aquilo que eu queria que vocês entendessem. E não é verdade, porque cada um de vocês vai tomar uma posição em relação ao meu discurso, e vai fazer uma interpretação”. Pecheuxtianos ou não, já dá para dividir um grupo aí, depois, entre os pecheuxtianos, outros grupos, e assim por diante. Então, acho que a questão que se coloca para pensar na ciência, ou se é produção do trabalho científico, produção do conhecimento e análise de discurso, perpassa a noção de sujeito — primeiro de tudo, e aí se não há discurso sem sujeito e o sujeito é investido de subjetividade, não tem como tirar isso dele, ele toma uma posição para falar de onde ele fala. A objetividade é um efeito — um pretense efeito de objetividade que nós trabalhamos, e mais sucesso nós temos na produção desse efeito, mais encaixado no discurso científico está o nosso texto. Por quê? Porque eu posso me colocar nesse lugar e mais ou menos tomar consciência, não é uma consciência total, tomar consciência de que parâmetros eu sigo para que o meu texto se coloque como científico ou não. Então, o lugar de onde eu falo, a concepção de discurso que eu tenho e algumas coisas que são muito próprias ao analista de discurso, se ele diz “eu” quando ele escreve o texto científico ou se ele não diz “eu”, ele tem que respeitar as normas para que seu trabalho funcione. Então, as marcas de subjetividade podem estar no uso linguístico mas podem estar em outros lugares, que a discursividade vai nos dando, como a escolha das palavras, ou das próprias construções,

ou até mesmo dos autores. “De que lugar eu falo? Por que eu escolhi esses autores para o meu trabalho e não outros?” Por que a Análise de Discurso é uma disciplina de entremeio, entre o materialismo histórico, a Linguística e a Psicanálise, ela dialoga com muitas outras disciplinas. Com a História, com a Geografia Humana, com a Antropologia, com a Etnografia, com a Linguística Aplicada. De fato, são muitos os lugares, com os quais nós flertamos. Então, que lugar é esse que você tem que assegurar textualmente para que essas posições ainda resgatem alguns traços de objetividade, que não sejam simplesmente o achismo, ou o que eu acho que gosto e que quero colocar dentro do meu trabalho. A questão que mais me preocupa em relação à Análise de Discurso tem a ver com a metodologia. São duas questões na verdade: uma interna à Análise de Discurso e outra externa. A interna à Análise de Discurso que me preocupa é: (i) qual é a disponibilidade que os autores têm de descreverem a metodologia utilizada para a realização das análises? É uma pergunta. Este é o nosso calcanhar de Aquiles. Há análises interessantíssimas e nem sempre o autor dá conta de descrever como foi que ele chegou a esses resultados. Porque a Análise de Discurso propicia essa abertura para cada trabalho, para cada objetivo, para cada *corpus* específico — eu poder construir uma metodologia própria. Então, esse é um desafio interno para nós sempre. Sempre! Estou sempre recuperando isso, trabalhando isso com os alunos. E comigo também. Porque um artigo científico também demanda que a metodologia esteja minimamente explícita para que se entenda como é que se chegou a esses resultados. E o que me preocupa externamente é: (ii) existe uma proliferação de trabalhos nas ciências humanas e sociais, não estou agora aqui colocando as ciências da

linguagem incluídas, elas estão fora, elas estão reservadas, todos os outros lugares que não são das ciências da linguagem, e que se ocupam de fazer análise de discurso francesa ou análise de discurso pecheuxtiana e que não estudam o dispositivo teórico e metodológico. Pensam que ela é uma metodologia pronta, pré-fabricada e como ela é vinculada ao materialismo histórico, qualquer trabalho do materialismo histórico pode mobilizar os conceitos que quiser, tudo cabe no trabalho. Então, é uma preocupação muito grande que eu tenho, inclusive temos o trabalho de uma acadêmica de mestrado (HARB, 2021), que está estudando isso e que está mostrando, por exemplo, em teses em enfermagem, teses em química, em outros lugares que fazem uso da análise de discurso pecheuxtiana, sem traçar uma questão teórica, sem ter conhecimento disso — e acham que é uma metodologia que pode ser aplicada, mas a análise de discurso não pode ser aplicada, ela é constitutiva de um trabalho, não é uma questão de aplicação. Então, acho que eu encerraria essa questão dizendo que há especificidades em Pêcheux, e elas são muitas, mas fundamentalmente passaria para o que se entende por produção do conhecimento esse descomprometimento de completude que nós temos, de totalidade. Nós não temos que dar conta do todo, nós não temos que mostrar um saber completo. Esse nosso lugar é de estar sempre levantando questões, é preciso entender que as interpretações podem ser muitas, que o sentido pode ser outro, e tudo isso passa pela questão do sujeito. Somos sujeitos produzindo textos científicos para outros sujeitos lerem, acho que é um pouco isso, Heitor.

Recebido em: 15/03/2022 // Aceito em: 06/05/2023

## Referências

HARB, Fidah Mohamad. *O funcionamento do dispositivo teórico e metodológico da Análise de Discurso em trabalhos científicos para além da área de Letras*. 2021. 108 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

INDURSKY, Freda. A emergência do sujeito desejan­te no discurso do MST. *Gragoatá*, Niterói, n. 34, p. 27-38, 1º sem. 2013. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/32957>. Acesso em: 08 maio 2023.

LEANDRO-FERREIRA, Maria Cristina. A Análise de Discurso merece que continuemos a lutar por ela. In: GARCIA, Dantielli Assumpção; SOARES, Alexandre Sebastião Ferrari (org.). *De 1969 a 2019: um percurso da/na análise de discurso*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019. p. 27-45.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, SP: Pontes Editores, [1999] 2005.

PETRI, Verli. *Imaginário sobre o gaúcho no discurso literário: da representação do mito em Contos Gauchescos, de João Simões Lopes Neto, à desmitificação em Porteira Fechada, de Cyro Martins*. 2004. 332 f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/5534>. Acesso em: 1º nov. 2020.

PETRI, Verli *et al.* (org.). *Ditos e não-ditos: discursos da, na e sobre a pandemia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021.

VOCABULÁRIO da pandemia do novo coronavírus. Disponível em: <https://www.ufsm.br/coronavirus/vocabulario-da-pandemia-do-novo-coronavirus>. Acesso em: 08 maio 2023.

## ANEXO A

**Lives Pós-Letras**

Acesse: [www.facebook.com/posletras.pucminas](https://www.facebook.com/posletras.pucminas)

**OUTUBRO  
2020**

**PUC Minas**  
Conhecimento que transforma

**30 Anos**  
**PPG Letras**

  
Verli Petri  
(UFSM)

  
Mediação:  
Heitor Lima  
(PUC Minas)

*23/10 – 19h – O discurso científico: questões de leitura e escrita.*

**Fonte:** *Facebook* – PPG-Letras da PUC Minas<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Disponível em: <https://www.facebook.com/posletras.pucminas>. Acesso em: 08 maio 2023.